

VIVÊNCIA DA PATERNIDADE E DA MATERNIDADE: QUESTÕES DE SUBJETIVIDADE.

LIVING OF FATHERHOOD AND MATERNITY: SUBJECTIVITY ISSUES.

¹REIS, L. M. C.; ²MILLANI, H.F.B.

^{1e2}Curso de Enfermagem – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

Este trabalho buscar pela pesquisa melhor compreensão da paternidade e maternidade e de que forma a concepção e nascimento do primeiro filho impacta na vida do casal. Será um olhar atento pela ótica da subjetividade com o propósito de contribuir com nosso aprendizado. A paternidade e a maternidade como uma postura de madura responsabilidade que um casal assume diante das exigências que brotam da constituição de uma nova dinâmica de vida não começa com a chegada dos filhos, mas se inicia a partir da visão de projeto de vida conjunto que o casal deseja construir. As responsabilidades familiares começam bem antes da primeira gravidez. É necessário, antes de tudo, pensar no alicerce familiar e depois falar de paternidade e maternidade, significa pensar no planejamento familiar, participar do pré-natal e acompanhar o parto. É um momento na vida do casal que há efervescência da subjetividade e merece ser compreendido.

Palavras-chave: Paternidade. Maternidade. Subjetividade.

ABSTRACT

This work seeks to better research the understanding of parenthood and how the conception and birth of the first child impacts on the life of the couple. It will be a close look from the perspective of subjectivity with the purpose of contributing to our learning. Paternity and motherhood as a mature responsibility posture that a couple assumes before the demands that arise from the constitution of a new dynamic of life does not begin with the arrival of the children, but begins from the vision of joint life project that the couple want to build. Family responsibilities start well before the first pregnancy. It is necessary, first and foremost, to think about the family foundation and then talk about paternity and maternity, it means thinking about family planning, participating in prenatal care and attending childbirth. It is a moment in the life of the couple that there is effervescence of subjectivity and deserves to be understood.

Keywords: Paternity. Maternity. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

A chegada do bebê exige uma adaptação emocional dos pais, no que diz respeito à manutenção do afeto entre o casal e a recepção do novo ser, junto ao ambiente familiar. Entende-se que esta reorganização se passa pela subjetividade dos pais, o que muitas vezes não é tão valorizado porque o casal vive seus momentos de subjetividade, sem fazer reflexão sobre a importância dos eventos desta natureza em suas vidas. A subjetividade das pessoas precisa ser vivida, sentida e acima de tudo, deve ser compreendida.

Após o nascimento do primeiro filho, o cenário do casal muda totalmente, pois o bebê configura-se à como o ator principal da família, ou seja, toda atenção e todos os cuidados serão voltados para o mesmo. Entre muitos pais, ao se depararem com essa situação, podem sentir excluídos e até trocados pelo seu

filho. Inconscientemente, se vêm desamparados em relação ao bebê e acreditam que perderam a atenção da mulher, a qual antes era somente voltada ao esposo. (JAGER; BOTTOLI, 2011).

As autoras Alexandre e Martins (2009), colaboram com o tema com seu estudo, onde destacam que: “a inserção do pai neste evento é de fundamental importância para estabelecer vínculos precoces entre pai e filho”. Enfatizam ainda sobre a importância do pai no processo da gestação, o qual deve apoiar emocionalmente a mãe e assim criar maior vínculo com seu filho antes do nascimento. Para tanto, o pai deve estar presente no acompanhamento do pré-natal.

Alguns dos conflitos envolvem também a não colaboração dos homens com as tarefas da casa, que cobra um maior envolvimento e responsabilidade da mulher para tais atividades. Conforme Hernandez e Huts (2009) “as desigualdades na divisão do trabalho, cuidados com a criança e tarefas domésticas, poderão ser fontes importantes de conflito conjugal”. Estes destacam a importância da igualdade de divisões dos papéis para uma manutenção do afeto entre o casal.

Em temas trabalhados em sala de aula percebe-se a importância do pré-natal com a participação ativa do pai, uma vez que no contexto da gestação, contribui para uma reflexão sobre a paternidade e maternidade e posterior harmonia entre o casal no relacionamento afetivo com necessidade de externar carinho, afeto e segurança com o bebê.

Assim, tem-se como indagação compreender como os casais percebem o momento da chegada do primeiro filho no ambiente familiar e como vivenciam a paternidade e a maternidade, com o propósito de identificar suas percepções após a chegada do bebê. Da mesma maneira este trabalho interessa-se em perceber impactos desse momento no relacionamento afetivo do casal.

A intenção deste trabalho é de verificar pelos referenciais teóricos escolhidos, de que modo há impacto no relacionamento do casal pela ótica da subjetividade com o nascimento do primeiro filho. Neste momento percebe-se que ocorrem mudanças no meio familiar e também foi identificado por alguns autores no decorrer de suas obras, questões de como os sentimentos alteram durante toda a gestação.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica analítica. Optou-se por usar como fonte de análise, artigos científicos indexados nas plataformas virtuais GOOGLE e SCIELO.

Para a busca dos artigos, foram utilizados os unitermos: Paternidade, Maternidade, Subjetividade. Os artigos foram escolhidos mediante a leitura dos respectivos resumos, em seguida seus conteúdos foram analisados através da leitura integral de cada um. Finalmente, foram utilizados na elaboração deste estudo, um total de 18 artigos científicos recentes publicados na língua portuguesa.

DESENVOLVIMENTO

Na literatura, nota-se uma grande diversidade sobre o que é família. Resumidamente, família configura-se como um grupo social caracterizado por relações íntimas e intergeracionais entre seus membros, ou seja, pai, mãe, filhos, avós, tios, etc; onde se mantém um vínculo de intimidade e divisões de papéis.

Nesse contexto familiar historicamente registrou-se em meados da década de 50 e 60, a predominância de família, caracterizada em um estilo nuclear, a qual era composta por pai, mãe e filhos. O pai era tido como principal membro em questões econômicas e afetiva, que era evidentemente obedecido pelos filhos.

No início de 1960, já havia uma redução na quantidade de filhos, fato que diferenciou esta geração da geração anterior, a qual até nessa época era de no máximo quatro filhos.

Em questões sociais, foi também nessa época que a mulher foi inserida no meio social, por meio do movimento feminista, onde começaram a surgir idéias sobre a mudança na atuação dos gêneros, tanto no ambiente público, como privado, entre as famílias. Ficava ainda por parte do pai a autoridade e a responsabilidade do provimento financeiro, mas agora com a complementação da mãe.

O pai era quem dava a palavra final, era quem promovia as regras e era o ápice da hierarquia familiar.

No final da década de 1960 até 1980, inicia-se a dupla jornada da mulher, momento em que tornou-se participante ativa do contexto socioeconômico, político e ainda permanece responsável pela educação dos filhos.

Neste período, a família se fragmenta, a média de filhos passa a ser de dois a três, por conta do aumento da jornada da mulher, pela crise econômica e pela mudança nos padrões de criação dos filhos, que se torna cada vez mais complexo.

A hierarquização deu lugar a igualdade nas relações familiares, onde os papéis dos gêneros tornam-se menos desiguais, momento em que houve divisões de tarefas do lar.

Na antiguidade, o afeto e o cuidado eram menosprezados pelo processo patriarcal. O homem era um gênero relacionado à força, ao poder, dominação, agressividade, autoridade e submissão aos outros membros da família. O pai era quem tinha o poder da casa e os quanto aos cuidados, eram relacionados com a mulher. Mulher cuidava da casa e dos filhos, proporcionando educação e carinho.

A participação do pai tem sido mais evidente desde o início de 1990, mesmo este distante em relação a educação e saúde de seus filhos, a afetividade e interesse em divisão das atividades com a mãe está sendo bem mais perceptível na atualidade. (DESSEN, 2010).

A modernidade trouxe uma mudança no papel dos gêneros, que inclui a mulher no mercado de trabalho, em busca da sua autonomia e tem mudado o conceito do homem de força e honra, onde substitui-se a figura de atualmente provedor da família. Ambos lutam pelo direito da liberdade e assim, deixou de ser obrigação exclusiva da mulher o cuidado da casa. (AZEVEDO; ARRAIS, 2006).

A inserção da mulher no mercado de trabalho faz com que os homens partilham com a esposa os trabalhos do lar e a criação dos filhos. A mulher não é mais uma figura privada. Por outro lado, esta passa a se incluir no ambiente público e luta pela liberdade e pelo dinheiro, enquanto os homens se incluem novamente no meio privado e assim auxiliam nos cuidados com a casa. (GABRIEL; DIAS, 2011).

No contemporâneo, nota-se cada vez mais essa divisão entre o casal, onde ambos trabalham junto nos trabalhos domésticos, criação dos filhos e financeiramente. Vemos também a maior participação dos homens em questões de sentimento com sua família, onde estes vem demonstrando mais carinho e afeto com os membros, principalmente com os filhos. (GABRIEL; DIAS, 2011).

O sentimento do homem como pai tem sido alterado ao longo dos anos. A questão de gêneros nos trás uma visão do papel do homem como provedor da casa e da mãe, com incumbência de cuidar da casa e dos filhos. Esta exigência

social e a preocupação do homem de ser genitor e provedor financeiro tem sido modificada, onde além das preocupações financeiras, vê-se um maior interesse de sua participação ativa nos cuidados com seu filho.

A preocupação financeira, em manter uma vida estabilizada e em dar um conforto para sua família, muitas vezes, se restringe ao homem, isso vem desde seus pais e avós. No entanto, tem-se visto em diversos estudos que, o papel do homem na família tem sido modificado, onde estes apresentam um maior interesse em estar presente em todos os momentos da criação de seu filho. (GABRIEL; DIAS, 2011).

Para Zampieri et al. (2012), “ser pai apresenta dois significados que se mostram complementares e, por vezes, antagônicos: pai afetivo, cuidador e educador e o segundo, o pai provedor”. Destaca-se o pai afetivo como um pai presente na vida do filho, dando carinho, atenção, e assim contribuir com os cuidados junto com a mãe.

O sentimento paterno se constrói desde o pré-natal, no acompanhamento junto a mãe até o parto. Esta interação faz com que o afeto entre pai e filho aconteça gradualmente e seu interesse em auxiliar no cuidado com bebe seja aumentado.

Verifica-se na obra de Carvalho et al. 2009, p. 127 e 128

[...] para o homem, a paternidade resulta essencialmente de uma transformação psíquica que é conseguida mediante sua participação ativa no desenrolar da gravidez de sua companheira, essa assume diversas formas de expressão, mas as principais são o amor, o companheirismo e o espírito de sacrifício”. (CARVALHO et al., 2009).

Tornar-se pai tem relação íntima na revisão de valores e de criação, vividas pelo homem como filho, que pode gerar conflitos nos sentimentos de ser pai, assim como trazer angústia e fantasias. Angústia em forma de preocupação de como cuidar, como agir na presença de seu filho e as fantasias, em forma de como ser um pai diferente daquele em que se tem como referência. Entre os pais, muitos tendem a seguir os ensinamentos do seu pai, como exemplo de uma paternidade mais afetiva, com carinho e atenção. Já outros tendem a seguir um caminho diferente daquele que não teve um pai presente, em uma infância sem carinho. (GABRIEL; DIAS, 2011).

A chegada do bebê revela intensa ansiedade de como será seu filho, de temor em relação da responsabilidade e da preocupação de como agir com esta mudança. O sonho do tão esperado filho leva pais que nem acreditam que o

momento está por acontecer, onde percebem assim um tempo para retornar a realidade de ser pai. Por outro lado, alguns não sabem como reagir, outros fazem planos de uma paternidade interativa com carinho, amor, onde irá educar e ensinar seus valores, assim como participar de todos momentos da vida de seu filho. (GABRIEL; DIAS 2011).

Pesamosca et al. (2008), p.183 destacam que:

“[...]é preciso ter em mente que ser mãe e ser pai não significa apenas cumprir tarefas práticas nem acompanhar modificações anatômicas, mas a paternidade e a maternidade, como etapas importantes do processo de viver humano, precisa advir de um planejamento, transcorrer de forma intensa, partilhada, responsável e com afetividade; só assim haverá condições adequadas para o harmonioso crescimento e desenvolvimento infantil”. (PESAMOSCA et al., 2008).

A presença da figura masculina nas consultas ao pré-natal é de extrema importância para construção da paternidade e do vínculo familiar, como também o interesse em na participação de todas etapas, inclusive no parto e o encorajamento destes. Essa participação não é comumente vista principalmente na rede pública, onde nem sempre os horários de consulta são flexíveis com os horários de trabalho dos pais, tendo assim só a presença da mãe na maioria das vezes. (PESAMOSCA et al., 2008).

A participação do pai no trabalho de parto tem passado por grandes mudanças desde os primórdios. Antigamente os partos eram realizados nas residências por parteiras e a participação ativa dos pais, até em procedimentos no nascimento era vista como um processo normal. No final do século XX as parteiras foram deixadas de lado e foram substituídas aos cuidados da obstetrícia e assim, fez com que a presença do pai não fosse mais tão vista. (ALEXANDRE; MARTINS, 2009).

O SUS por sua vez tem instituído programas para melhorar esse perfil para um parto mais humanizado, visto que, as mulheres têm melhor desempenho e conforto, quando tem ao seu lado o apoio do pai do seu filho. A importância da presença do homem genitor, mostra-se relevante não só no momento do parto, mas também em todo pré-natal, pois assim revela um grande aumento do vínculo familiar. A construção de afeto e amor com seu bebê se iniciam nesse momento, nessa participação do pai em todo processo da gestação e parto. Isso é evidenciado em diversos estudos. (CARVALHO et al., 2009).

O momento do trabalho de parto desencadeia aos pais ali presentes, diversos sentimentos, de coragem, amor, medo, nervosismo, ansiedade, preocupações em torno de toda situação, que é vista como de extrema importância para eles. O apoio a mulher, a chegada do seu filho, seu primeiro contato, são vivenciados como experiência de superação e afeto. A gratidão por ter concebido seu filho e ter participado de todo processo é de extrema alegria para eles. Esses sentimentos são um marco que jamais serão esquecidos pelos pais. (ALEXANDRE; MARTINS, 2009).

Bornholdt, Wagner e Staudt (2007) refletem sobre questões relativas à ampliação do subsistema conjugal ao parental, no sentido das consequências que o nascimento de um filho traz para a vida do pai e da mãe, tanto para eles como um casal quanto como homem e mulher, individualmente. Eles precisam estabelecer novos papéis e relações para que possam agregar um novo membro no grupo.

Há certo consenso na literatura de que, nas primeiras semanas após o parto, a irritabilidade é um afeto normalmente presente nas puérperas (SOIFER, 1980; FELICE, 2000; WINNICOTT, 1978), casos que são vistos com frequência na primeira visita à Unidade Básica de Saúde. Essa questão é destacada na literatura, pois o período puerperal ainda é munido de diversas ansiedades e angústias, em que a mulher encontra-se em um estado debilitado por causa do parto e das condições em que este aconteceu. Além disso, podem surgir questões relativas aos sentimentos de incapacidade quanto a alguns cuidados com os filhos, como fadiga, acessos de depressão, confusão, entre outros (SOIFER, 1980). No período puerperal, também encontramos o baby blues, que, segundo Harvey (2002), é um tipo de depressão “normal”, com sintomas de irritabilidade intensa, característica desse período. Segundo essa autora, o baby blues acomete de 50% a 80% das mães nas primeiras semanas após o parto, e os dez primeiros dias após o nascimento do bebê são considerados de maior vulnerabilidade para a ocorrência desse fenômeno. Com base nisso, podemos destacar que as mães desta pesquisa não desenvolveram o baby blues, portanto estão na porcentagem da população materna que não faz parte da maioria.

Outra questão importante constatado nas referências refere-se ao envolvimento das mulheres com os cuidados do filho, deixando um pouco “os pais do lado”. Podemos supor que essas mães vivem o fenômeno descrito por

Winnicott (1978) como preocupação materna primária, que, nas duas primeiras semanas após o parto, ainda se apresenta na mulher.

De acordo com Winnicott (1978), o estado da preocupação materna primária caracteriza-se por um aumento da sensibilidade materna, sendo um momento de regressão para que as mães possam captar os sinais e necessidades de seu filho. Esse estado especial da mãe começa no final da gravidez e estende-se por algumas semanas após o nascimento do bebê.

Além disso, Stern (1997) fala de um estado psíquico particular vivido pelas mulheres na experiência da maternidade que também pode justificar esse envolvimento materno citado pelos pais entrevistados. Esse estado caracteriza-se por um funcionamento psíquico envolto de preocupações perante o bebê recém-nascido. Destaca-se aí a preocupação referente à vida e ao crescimento do bebê, em que a mãe encontra-se imersa em preocupações relacionadas a proporcionar condições de manter seu bebê vivo, a fim de promover seu desenvolvimento saudável.

No que diz respeito às mudanças no relacionamento do casal, as respostas se combinam no sentido de o casal disponibilizar a atenção ao filho, o que não originaria um sentimento de exclusão, por exemplo, dessa relação mãe-filho, ou talvez por uma busca dos pais de se incluírem mais nesse processo, para que possam diminuir seus sentimentos de exclusão.

Os pais estão encontrando formas de participar desse processo de cuidado com os filhos, mostrando que esse momento está a cada dia que passa menos restrito ao universo feminino.

Com esse movimento, os pais começam a refletir sobre a paternidade e podem questionar antigos valores e definições. Essa abertura autoriza uma nova concepção e nova forma de vivenciar esse papel (BORNHOLDT; WAGNER; STAUDT, 2007).

Felice (2000), expõe sobre o estado de distanciamento da esposa para cuidar do bebê, e acaba por afirmar a questão de que este momento envolve tanto um movimento de isolamento e introversão na puérpera, como um certo grau de distanciamento do marido, é como se fosse automatizados, vê-se um processo regressivo parcial bilateral, que possibilita à mulher uma facilitada identificação com as necessidades de seu bebê e ao pai o atendimento velado da necessidade de ambos.

Outra questão acerca do envolvimento paterno nos cuidados com a criança e a ajuda que os pais disponibilizam às mães, os estudos mostram que a mulher ainda é a responsável pelos cuidados destinados à criança, porém os pais tentam ajudar uma vez que estamos vivendo uma redefinição de papéis na família.

A questão da participação dos pais nos cuidados com o bebê é um processo que se inicia já na gestação. A postura da mãe como catalisadora desse processo é muito importante. Uma mãe que não possibilita a entrada do pai nesse processo não terá a ajuda deste, nem a implicação dele no processo de cuidados com o bebê. Isso vai de encontro com a ideia de Bornholdt, Wagner e Staudt (2007) quando afirmam que a mãe assume um papel muito importante nessa aproximação do pai com o filho. Esse papel é destinado a ela, pois, como é quem está diretamente envolvida nos cuidados com o bebê, pode facilitar ou dificultar a aproximação pai-bebê e conseqüentemente, à criação do vínculo entre eles.

As relações de homens e mulheres quanto ao desempenho de papéis na família, por mais que venham sofrendo transformações e ressignificações, ainda não se mostram como um processo consolidado. Muitas das tradicionais divisões de papéis ainda se mantêm de forma muito forte e se confundem com as novas relações que se estabelecem na atualidade.

O desejo de ser pai, a representação que o homem faz de si mesmo como pai e o que o faz vir a ser pai são aspectos discutidos nessa categoria. Ele pode assegurar a função educativa, de provedor e o papel amoroso da esposa, mas alguma coisa se transforma no casal que faz com que a função parental (paterna) comece a acontecer (MENENDEZ, 2004).

Bornholdt, Wagner e Staudt (2007) mostram a ideia de modificações de aspectos com a chegada de mais um membro na família. Isso acontece devido à possibilidade para transformações de crenças e valores, que foi permitida pela avaliação de si mesmo, das responsabilidades e prioridades que envolvem a passagem para a paternidade.

A percepção de ser pai é enraizada na representação que o homem tem de si e de suas experiências passadas com seus próprios pais. Essa representação é individual, pois cada ser tem sua representação desse papel, que irá seguir fielmente, caso este tenha sido positivo, ou irá realizá-lo de maneira contrária, caso este tenha sido negativo. O que existe de comum nas representações acerca de ser pai é a questão social no que tange aos aspectos de gêneros, em que o

homem-pai é responsável pelo apoio financeiro, pelo apoio amoroso à esposa, pela educação, pela preocupação com o futuro, entre outras responsabilidades características do gênero masculino. Isso, sim, parece ser universal, apesar das mudanças já ocorridas até hoje, em que o pai vem se mostrando mais presente no período gestacional e puerperal de suas companheiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de um curto caminho já ter sido percorrido pelos pais, na sua inserção ao papel ativo na tríade pai-bebê-mãe, muito ainda precisa ser feito.

Trata-se de um trabalho árduo e de longo prazo, pois, como já relatado em alguns estudos sobre clínica pré-natal, os pais não participam de forma ativa desse processo e tendem a não se envolver nessas “coisas de mulheres”, que são os cuidados efetivos com o bebê.

Dessa forma, nota-se que é fundamental proporcionar um espaço para que os pais falem sobre seus sentimentos, durante esse momento de mudanças na vida do casal, destituir a crença vendida pela sociedade e repassada transgeracionalmente de que o homem não se envolve nos cuidados de seus filhos.

A devida intervenção, construída na conscientização familiar e em grupos de apoio com pais, tem muito a contribuir para a paternidade atual, no sentido da melhoria do relacionamento homem-mulher, o que conseqüentemente vai repercutir no desenvolvimento saudável dos filhos, na melhoria da qualidade da relação inter familiar e no desenvolvimento da parentalidade.

Assim, não se almeja redesenhar a paternidade e a maternidade partir desta pesquisa, até porque é um estudo de revisão,mas, almeja-se, sim, contribuir para que a reflexão sobre essa prática seja feita, a fim de possibilitar questionamentos de modelos tradicionais seguidos por gerações e otimizar a vivência da paternidade e da maternidade pela via de uma (re)criação da subjetividade de ambos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ana Maria Cosvoski; MARTINS, Marialda. A vivência do pai em relação ao trabalho de parto e parto. **Cogitare Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 324-331, 2009.

AZEVEDO, Kátia Rosa; ARRAIS, Alessandra da Rocha. O Mito da Mãe Exclusiva e seu Impacto na Depressão Pós-Parto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.

BORNHOLDT, E. A.; WAGNER, A. A gravidez à luz da perspectiva paterna: aspectos relativos a transgeracionalidade. In: WAGNER, A. **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 81-92.

BORNHOLDT, E. A.; WAGNER, A.; STAUDT, A. C. P. A vivência da gravidez do primeirofilho à luz da perspectiva paterna. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 75-92, 2007.

CARVALHO, Jovanka Bittencourt Leite et al. Sentimentos vivenciados pelo pai diante do nascimento do filho. **Rev. Rene**, v. 1, n.3, p. 125-131, 2009.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a Família em Desenvolvimento: Desafios Conceituais e Teóricos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, p. 202-219, 2010.

DESSEN, M. A. Interações e relações no contexto familiar: questões teóricas e metodológicas. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 213- 221, 1994.

FELICE, E. M. **A psicodinâmica do puerpério**. São Paulo: Vetor, 2000.

GABRIEL, Marília Reginato; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 3, p. 253-261, 2011.

HERNANDEZ, José Augusto Evangelho; HUTZ, Cláudio Simon. **Transição para a parentalidade: ajustamento conjugal e emocional**. PSICO, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 414-421, 2009.

JAGER, Márcia Elisa; BOTTOLI, Cristiane. Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 13, n. 1, p.141-153, 2011.

MENEZES, Clarissa Corrêa; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. **Psico-USF**, v. 12, n. 1, p. 83-93, 2007.

MENENDEZ, J. A. B. A função do pai: na consulta terapêutica pais- bebês e no tratamento do transtorno alimentar na criança. In: SOLIS- PONTOM, L. (Org.). **Ser pai, ser mãe**. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 57-65.

PESAMOSCA, Lucélia Garlet et al. Percepção de gestantes acerca da importância do envolvimento paterno nas consultas pré-natal: um olhar de gênero. **Rev. Min. Enferm.**, v. 12, n. 1, p. 182-188, 2008.

SOIFER, R. **Psicologia da gravidez**. Parto e puerpério. Tradução Ilka Valle de Carvalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980. STAUDT, A. C. P.; WAGNER, A. Paternidade.

STERN, D. **A constelação da maternidade**: o panorama da psicoterapia pais/bebê. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

WINNICOTT, D. Preocupação materna primária. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ZAMPIERI, Maria de Fátima Mota et al. O significado de ser pai na ótica de casais grávidos: limitações e facilidades. **Rev. Eletr. Enf. [Internet]**, v.14, n.3, p. 483-493, 2012. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v14/n3/v14n3a04.htm>, acessado em 25/08/2018 as 14h00min.